



O ardente desejo de santidade que transforma a alma

Entre as palavras mais profundas e mais exigentes que saíram dos lábios de Nosso Senhor Jesus Cristo, encontramos uma Bem-aventurança que muitas vezes é mal compreendida ou reduzida a um simples desejo de justiça social ou de equilíbrio humano. No entanto, o seu significado é muito mais alto, mais profundo e mais sobrenatural.

Cristo disse no Sermão da Montanha:

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mateus 5,6).

Estas palavras não falam simplesmente daqueles que desejam que o mundo seja mais justo segundo critérios humanos, nem somente daqueles que lutam contra a injustiça social — embora isso também tenha o seu lugar —, mas principalmente daqueles que ardem interiormente para crescer sem cessar na graça de Deus, na santidade e no exercício constante das boas obras.

Têm fome e sede de justiça aqueles que desejam intensamente agradar a Deus, vencer o pecado, viver em amizade com o Senhor e avançar continuamente no caminho da perfeição cristã.

Esta Bem-aventurança não descreve uma emoção passageira, mas uma atitude permanente da alma.

Hoje mais do que nunca, numa sociedade que confundiu a justiça com ideologias passageiras e a moral com opiniões pessoais, precisamos redescobrir o verdadeiro significado deste ensinamento evangélico.

Porque a justiça de que Cristo fala não é primeiramente política: é espiritual.

E essa fome não se sacia com os aplausos do mundo, mas com a posse de Deus.



A justiça segundo o Evangelho

Quando ouvimos a palavra “justiça”, geralmente pensamos em tribunais, leis, castigos ou direitos humanos. Mas na linguagem bíblica, especialmente no Evangelho, justiça significa algo muito mais elevado.

A justiça, no sentido evangélico, é a retidão da alma diante de Deus.

É viver segundo a Sua vontade.

É dar a Deus aquilo que Lhe pertence: adoração, obediência, amor, fidelidade e entrega.

É também dar ao próximo aquilo que Lhe devemos: caridade, verdade, respeito e misericórdia.

Mas, acima de tudo, é estar em estado de graça.

Uma alma justa é uma alma unida a Deus.

Por isso, quando Cristo fala de ter fome e sede de justiça, Ele está falando do ardente desejo de santidade.

Santo Agostinho explicava que esta fome é o anseio pela perfeição espiritual, essa santa insatisfação que faz com que o cristão nunca se contente com uma vida medíocre.

Não basta simplesmente “não fazer o mal”.

A alma que verdadeiramente ama a Deus quer fazer todo o bem possível.

Quer crescer.

Quer parecer-se mais com Cristo.

Quer viver plenamente para o Céu.

Essa é a verdadeira fome.

Essa é a verdadeira sede.



Fome e sede: um desejo intenso, não superficial

Jesus não disse simplesmente:

| *“Bem-aventurados os que desejam a justiça”*

mas:

| *“os que têm fome e sede”.*

E isso muda completamente o sentido.

A fome e a sede são necessidades vitais.

Não são caprichos.

Não são preferências.

Não são hobbies opcionais.

São urgências profundas.

Quem tem verdadeira fome pensa no alimento.

Quem tem verdadeira sede procura desesperadamente água.

Assim deve ser o desejo de santidade na alma cristã.

Não como uma bela ideia.

Não como uma prática ocasional.



Não como um costume de domingo.

Mas como uma necessidade interior.

Muitos querem Deus... mas sem muito esforço.

Muitos desejam o Céu... mas sem renunciar ao pecado.

Muitos admiram a santidade... mas não querem o sacrifício que ela exige.

Isso não é fome.

Isso não é sede.

O verdadeiro discípulo de Cristo experimenta uma santa inquietação.

Ele sabe que ainda ama pouco.

Ele sabe que ainda reza pouco.

Ele sabe que ainda se entrega pouco.

E por isso deseja mais.

Não se conforma.

Não se acomoda.

Não negocia com a tibieza.

Tem fome.

Tem sede.

Tem sede de Deus.

Como dizia o salmista:

┆ *“A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Salmo 42,2).*



A tradição da Igreja e esta Bem-aventurança

Os Padres da Igreja e os grandes doutores espirituais sempre interpretaram esta Bem-aventurança à luz da santidade interior.

São Tomás de Aquino ensina que esta fome de justiça é o desejo da virtude perfeita e do pleno cumprimento da vontade divina.

Não se trata simplesmente de evitar o pecado mortal, mas de aspirar à plenitude do amor.

São João Crisóstomo afirmava que Cristo não louva aqueles que praticam a justiça friamente, mas aqueles que a desejam com paixão.

É uma justiça vivida com fogo interior.

Não por obrigação.

Não por aparência.

Mas por amor.

São Gregório Magno explicava que aquele que ama verdadeiramente a justiça divina sente dor pelas suas próprias imperfeições e deseja sem cessar uma união maior com Deus.

Por isso os santos nunca se sentiram “bons o suficiente”.

Quanto mais próximos estavam de Deus, mais conscientes eram de quanto ainda lhes faltava amar.

Não porque viviam angustiados, mas porque o verdadeiro amor quer sempre crescer.

O medíocre acredita-se santo.

O santo sabe quanto precisa de Deus.



A falsa justiça do mundo moderno

Vivemos numa época que fala constantemente de justiça, mas que muitas vezes esqueceu completamente Deus.

Exige-se justiça social, justiça económica, justiça política, justiça histórica... mas esquece-se a justiça da alma.

Denuncia-se o pecado dos outros, mas justifica-se o próprio.

Exige-se moral pública, mas rejeita-se a conversão pessoal.

Defendem-se os direitos humanos, mas despreza-se a lei divina.

Isso gera uma grande confusão.

Porque sem Deus, a justiça acaba por ser redefinida pelo poder, pela moda ou pela ideologia dominante.

Hoje chama-se bem ao que ontem se chamava mal.

E vice-versa.

Mas a justiça de Cristo não muda.

Não depende de sondagens.

Não depende de governos.

Não depende de tendências culturais.

Depende da verdade eterna.

Ter fome e sede de justiça significa querer viver segundo essa verdade, mesmo que o mundo a rejeite.

Significa preferir a fidelidade a Deus à aprovação dos homens.

Significa defender a verdade mesmo quando custa.



Significa escolher a Cruz em vez do conforto.

E isso exige coragem.

Fome de graça: crescer continuamente

“Têm fome e sede de justiça aqueles que desejam ardentemente crescer continuamente na graça divina e no exercício das boas obras.”

Esta expressão resume maravilhosamente o significado profundo da Bem-aventurança.

Não basta ter recebido a graça.

É preciso crescer nela.

A vida espiritual não é estática.

Ou avançamos ou recuamos.

A neutralidade não existe.

O cristão que deixa de lutar começa a arrefecer.

Por isso a Igreja sempre insistiu na necessidade da conversão contínua.

Cada boa confissão.

Cada Comunhão fervorosa.

Cada ato de caridade.

Cada sacrifício escondido.

Cada combate contra uma paixão desordenada.

Cada ato de paciência.



Cada renúncia por amor de Deus.

Tudo isso faz a alma crescer.

E quem tem fome de justiça deseja precisamente isso:

não permanecer onde está.

Quer mais pureza.

Mais humildade.

Mais oração.

Mais caridade.

Mais verdade.

Mais Cristo.

Não por perfeccionismo humano, mas por amor sobrenatural.

As boas obras: fruto desta santa fome

A verdadeira fome de justiça não permanece apenas nos sentimentos interiores.

Produz frutos visíveis.

A alma que deseja Deus age.

Ama.

Serve.

Perdoa.

Repara.



Ajuda.

Evangeliza.

Sacrifica-se.

Obedece.

Persevera.

As boas obras não são um ornamento opcional da fé.

São a sua consequência natural.

Como diz São Tiago:

| *“A fé sem obras está morta” (Tiago 2,26).*

Não porque as obras “comprem” a salvação, mas porque uma fé viva transforma necessariamente a vida.

Quem tem fome de santidade não pergunta:

“Qual é o mínimo que devo fazer?”

mas sim:

“Senhor, o que mais posso dar-Te?”

Essa mudança de pergunta muda tudo.

A alma morna procura o mínimo.

A alma apaixonada procura o máximo.

Os santos não foram homens e mulheres do mínimo.

Foram almas consumidas pelo desejo de agradar a Deus.



Como saber se tenho fome e sede de justiça?

Esta pergunta é necessária.

Porque podemos viver durante anos dentro da Igreja e ainda assim permanecer instalados numa cómoda mediocridade espiritual.

Alguns sinais desta santa fome são:

Sentir dor sincera pelo pecado.

Desejar confessar-se bem e com frequência.

Procurar verdadeiros momentos de oração.

Querer conhecer melhor a fé.

Lutar seriamente contra os defeitos pessoais.

Não se contentar com uma religião superficial.

Ter desejo da Eucaristia.

Amar a verdade mesmo quando incomoda.

Procurar a vontade de Deus acima dos próprios caprichos.

Sentir que ainda resta muito para amar.

Não se trata de perfeição imediata.

Trata-se de direção interior.

De uma orientação profunda do coração.

Quem tem fome de justiça pode cair, mas volta.



Pode cansar-se, mas continua.

Pode chorar, mas não abandona.

Porque sabe que fora de Deus não existe verdadeira vida.

“Porque serão saciados”

Cristo não promete um caminho fácil.

Promete plenitude.

| *“Porque serão saciados”.*

Não diz “aplaudidos”.

Não diz “compreendidos”.

Não diz “admirados”.

Diz “saciados”.

E isso é infinitamente maior.

O mundo oferece prazeres que distraem, mas não saciam.

Sucesso.

Dinheiro.

Prestígio.

Poder.

Reconhecimento.



Tudo isso deixa o coração vazio quando ocupa o lugar de Deus.

Só Deus sacia.

Só a verdade sacia.

Só a santidade sacia.

Só Cristo pode preencher o abismo do coração humano.

E essa plenitude já começa aqui, embora imperfeitamente, e alcançará a sua consumação total no Céu.

Aqueles que tiveram fome de Deus na terra serão eternamente saciados na Visão Beatífica.

Ali não haverá mais luta.

Não haverá mais pecado.

Não haverá mais sede.

Porque Deus será tudo em todos.

Um chamado urgente para o nosso tempo

Vivemos tempos de tibieza espiritual.

Muitos batizados sobrevivem religiosamente, mas não ardem interiormente.

Perdeu-se o sentido do combate espiritual.

A mediocridade foi normalizada.

A exigência do Evangelho foi reduzida.

Mas Cristo não chamou os Seus discípulos a uma fé confortável.



Chamou-os à santidade.

À radicalidade do amor.

À Cruz.

À perfeição do Pai.

Hoje esta Bem-aventurança soa como um chamado urgente:

Desperta.

Não te conformes.

Não vivas pela metade.

Não negocies com o pecado.

Não reduzas a tua fé a um costume social.

Tem fome.

Tem sede.

Procura Deus com toda a tua alma.

Porque quem se contenta com pouco acaba por perder tudo.

E quem entrega tudo por Cristo ganha tudo.

Conclusão: o santo inconformismo do cristão

Ter fome e sede de justiça é viver com uma santa insatisfação.

Não uma tristeza doentia, mas um amor tão grande que nunca se contenta.

É saber que Deus merece mais.



Que podemos amar mais.

Que podemos ser mais santos.

Que ainda há caminho pela frente.

É o inconformismo dos santos.

É a nostalgia do Céu.

É o desejo profundo de que Cristo reine completamente na alma.

O mundo ensina-nos a conformar-nos.

Cristo ensina-nos a desejar o infinito.

E por isso, hoje devemos perguntar-nos sinceramente:

Tenho realmente fome de Deus?

Tenho verdadeira sede de santidade?

Ou habituei-me a uma fé morna e confortável?

A resposta a essa pergunta pode mudar uma vida inteira.

Porque os santos não eram pessoas extraordinárias por natureza.

Eram pessoas que tinham fome.

E nunca deixaram de procurar até serem saciados em Deus.